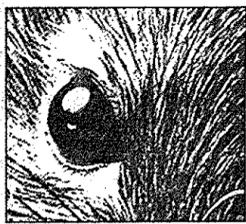


FRANCIS



Nova York está lotada de brasileiros que, de real valendo mais do que o dólar, se sentem "neonipônicos". Página D5

CADERNO 2

ESPECIAL * DOMINGO

ANO IX NÚMERO 2.835 □ DOMINGO, 13 DE NOVEMBRO DE 1994

R41200 119

UBALDO



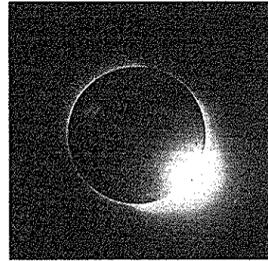
Que capitalismo é esse que nos nega acesso à informação disponível a qualquer estudante de primeiro grau americano? Continuamos com esse capitalismozinho de meia-tigela, que vamos chamar de "capitalismo caboclo", com essa nossa auto-ironia já tão cansativa. Página D6

LIVROS



O historiador Carlos Guilherme Mota escreve sobre o livro *Atrás do Espelho*, da editora Record, que reúne centenas de cartas de Afonso Arinos de Melo Franco e de sua mulher Ana Guilhermina, falecidos em 1990, endereçadas ao filho diplomata. Página D12

CIÊNCIA



Começam a aparecer os primeiros resultados científicos do eclipse total do Sol, visto no sul do País. Radioastrônomos registraram uma formação conhecida como franja de Fresnel, ponto brilhante que surge com a cobertura do disco solar. Página D4

Lévi-Strauss resgata saudades do Brasil

Nos anos 30, o antropólogo registrou mais de três mil imagens do País; 180 delas estão reproduzidas em seu último livro, que será lançado na segunda quinzena pela editora Companhia das Letras

Preservados por um dos maiores intelectuais vivos deste século, fragmentos de um Brasil que há 60 anos não existe mais acabam de ser "revelados". São imagens de índios, paisagens, cidades, que o antropólogo Claude Lévi-Strauss, 84 anos, registrou em mais de três mil fotografias tiradas no País durante a década de 30. Dessas fotos, 180 vêm reproduzidas no mais recente livro do pensador, *Saudades do Brasil*. A obra foi lançada no mês passado na França e será publicada aqui pela

Companhia das Letras, na segunda quinzena de novembro.

Lévi-Strauss nasceu na Bélgica, em 1908. Começou sua vida profissional na antropologia em 1934, como membro da missão francesa que ajudou a fundar a Universidade de São Paulo (USP). Em 1936 partiu para as pesquisas de campo, tendo estudado as tribos indígenas dos bororos, dos nhambiquaras, dos caduveos e dos tupis-caraibas.

Quase 20 anos depois, a experiência no Brasil e os dados colhi-

dos em outras partes do mundo seriam postos em relação no primeiro grande livro de Strauss, *Tristes Trópicos*. Pela primeira vez o estudo das culturas indígenas se dava em formato que se poderia dizer filosófico. Strauss ia em busca das "estruturas sociais invisíveis" que se repetem de povo para povo — e, em plano que uma análise muito abstrata pode revelar, também de época para época.

Essa análise, que já começa a desenhar-se em *Tristes Trópicos*, ganha nome em 1958 com a publicação de *Antropologia Estrutural*. Nesse livro, Strauss explicita fundamentos da teoria estruturalista que teriam eco em diversas áreas, da teoria social (com Foucault, por exemplo) à psicanálise (com

Lacan). O próprio Strauss é um autor cuja obra transita por diversos campos, como mostram vários de seus estudos que hoje podem ser considerados clássicos: *O Pensamento Selvagem* (Papyrus, 1989), *O Cru e o Cozido* (Brasiliense, 1991), *A Oleira Ciumenta* (Brasiliense, 1986) são alguns deles. Em 1993 Strauss lançou até mesmo um conjunto de ensaios sobre artes plásticas, intitulado *Regarder, Écouter, Lire* (que a Companhia das Letras publica no ano que vem).

Como álbum fotográfico legendado, que a crítica francesa chegou mesmo a comparar às histórias em quadrinhos, *Saudades do Brasil* poderia parecer deslocado

FOTOS REVELAM CENÁRIOS POÉTICOS

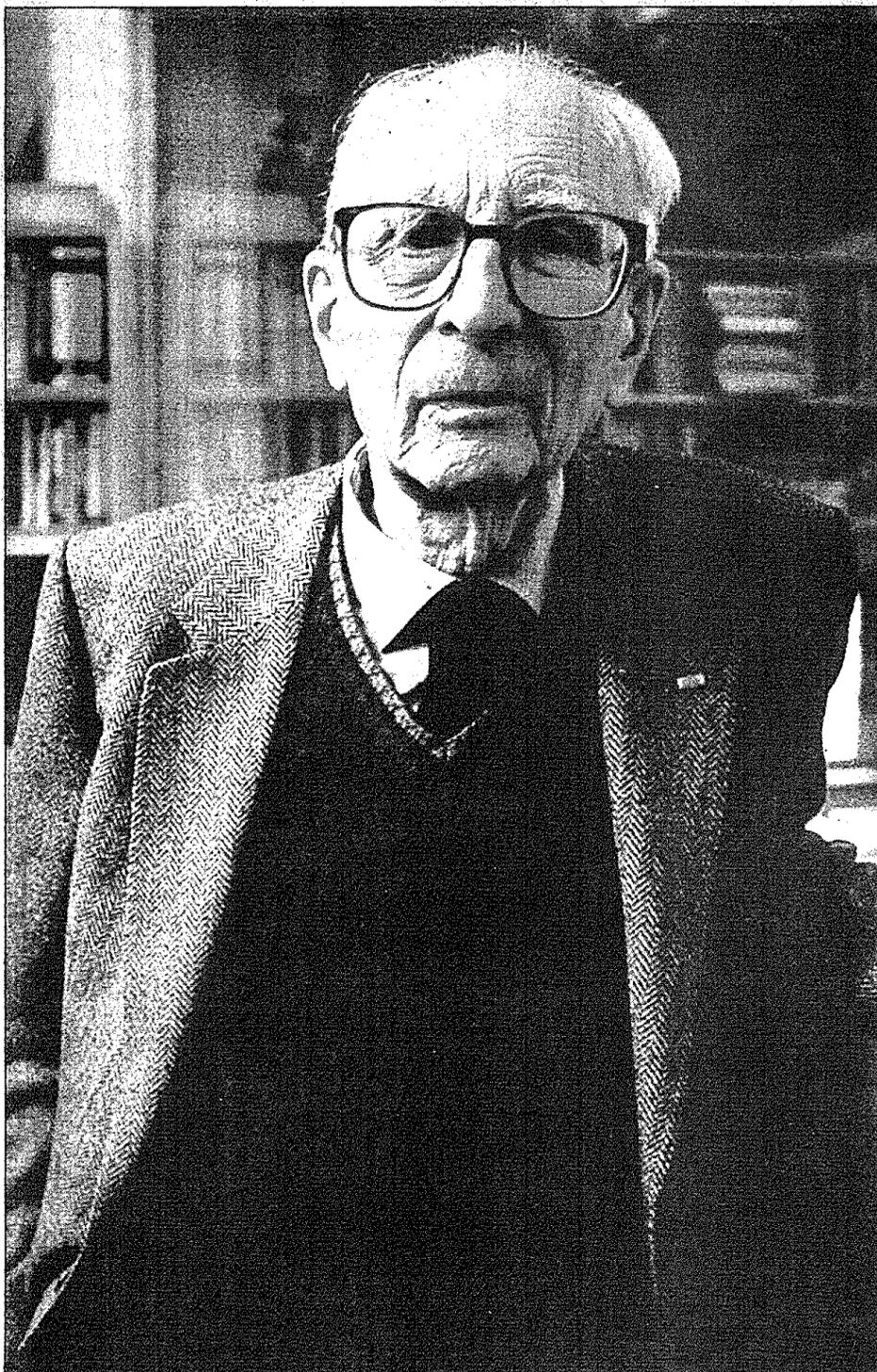
no conjunto "sério" dos trabalhos de Strauss. Mas o ensaio de Gilles Lapouge publicado neste *Caderno 2 Especial* mostra que é diferente. "De repente, a formidável construção cerebral que Claude Lévi-Strauss er-

gueu em meio século de ciência se põe a palpitar sob os nossos olhos, graças a estas fotos que o autor está quase para desprezar, mas

que dão carne e vida à fascinante teoria lévi-straussiana."

Antes mesmo de chegar aos trópicos, porém, Lévi-Strauss já tinha laços com o País. É que, de todas as influências que o etnólogo reconheceu receber, uma das mais profundas vem do francês Jean de Léry — autor, na metade do século 17, da primeira obra de "antropologia participativa" de que se tem notícia: *Viagem à Terra do Brasil*. "Tenho a impressão de que há um paralelismo entre a existência de Léry e a minha", diz Strauss. Dos laços de admiração e amor que o unem a Léry — e ao Brasil — ele fala em entrevista.

Mais sobre Lévi-Strauss nas páginas D2 e D3.



O antropólogo Claude Lévi-Strauss: busca de estruturas sociais invisíveis entre os índios brasileiros

PERSONALIDADE

Antropólogo teve influência de Jean de Léry

Vinda de Lévi-Strauss ao Brasil foi inspirada no etnólogo francês que esteve no País em 1557

DOMINIQUE-ANTOINE GRISONI
Le Point

Entre os personagens que povoaram o imaginário de Claude Lévi-Strauss está Jean de Léry, homem do século 16, autor de um relato de viagem ao Brasil. Pela primeira vez, Claude Lévi-Strauss explica o relacionamento que manteve, ao longo de toda sua vida, com aquele longínquo ancestral.

Jean de Léry nasceu em 1534, em Lamargelle, na Borgonha. De origem modesta, aprendeu a profissão de sapateiro. Aos 22 anos, em 15 de novembro de 1556, embarcou no porto de Honfleur, na companhia de 14 genebreses — de tendência calvinista — para participar da evangelização dos índios do Brasil. Após uma estadia de vários meses, voltou para a França (24 de maio de 1558), e viajou a Genebra, onde se casou com Jeanne Rachel, viúva de um hoteleiro. Em 1564, instalou-se como pastor em Nevers, em seguida emigrou para La-Charité-sur-Loire e, finalmente, fugiu dos massacres que se seguiram à noite de São Bartolomeu, refugiando-se em Sancerre (1572).

A primeira edição do livro *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil* (traduzido com o título de *Viagem à Terra do Brasil*, ver serviço) foi publicada em Genebra, em 1578, sob o falso endereço de La Rochelle. O sucesso do livro foi imediato. Dois anos mais tarde, foi lançada uma segunda edição. Quando ele morreu, em 1613, o livro já contava cinco edições sucessivas: uma cifra considerável para a época. Léry exerceu influência sobre autores tão dispares quanto Montaigne, John Locke, Diderot e Jean-Jacques Rousseau.

Em 'Tristes Trópicos', quando o sr. conta sua descoberta do Rio de Janeiro, num dia de março de 1935, um de seus primeiros pensamentos se dirigiu a Jean de Léry. O sr. qualificou a 'Viagem à Terra do Brasil' como 'obra-prima da literatura etnográfica'. Como o sr. chegou a esse texto? Até que ponto a leitura de um outro livro que o levou a ele? Indicação de um amigo ou de um mestre?

SEU LIVRO É UMA HISTÓRIA COM INGREDIENTES DE EPOPÉIA, QUE DARIA UM GRANDE FILME

Claude Lévi-Strauss — Honestamente, não sei mais...
Verdade verdadeira?

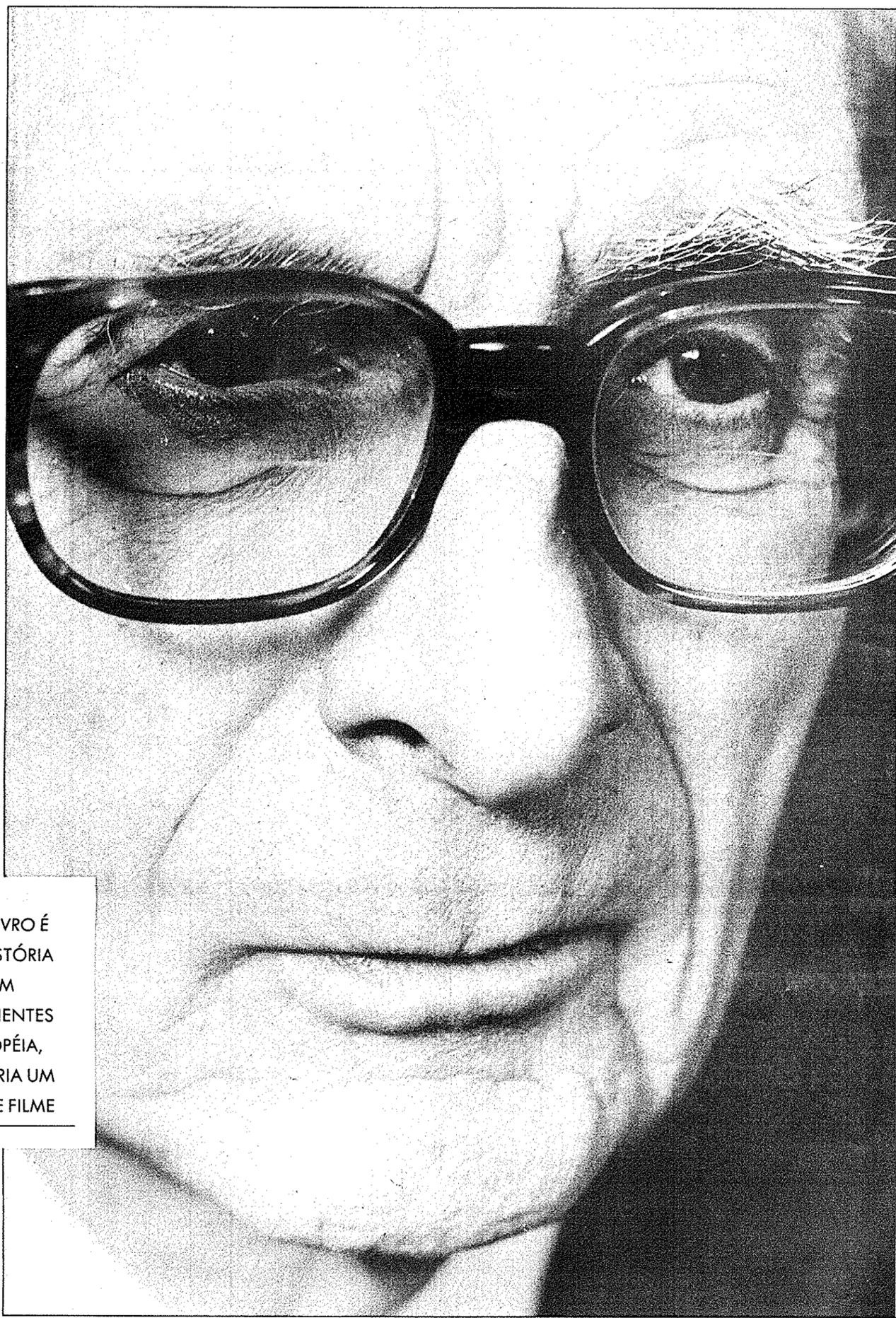
Lévi-Strauss — Eu lhe asseguro.

— Não teria sido reminiscência de uma leitura particular? Por exemplo, uma lembrança das páginas que Montaigne dedica aos canibais?

Lévi-Strauss — Montaigne? Com certeza não. Como você sabe, ele nunca cita o nome de Jean de Léry. Teria sido necessário, portanto, que eu dispusesse de uma edição científica, com anotações sérias. Na época, eu lia os *Ensaíos* numa edição comum. Não, eu realmente esqueci. Mas é normal, e você vai compreender por que. Em 1934 eu decidi me lançar ao trabalho etnográfico, e pedi para partir, para realizar trabalho de campo, mas sem estabelecer um destino em particular. Se tivessem me proposto a Nova Caledônia ou a África, teria aceito. O acaso quis que fosse o Brasil, um país sobre o qual eu não conhecia nada. Então reuni documentação e, como sempre tive gosto pelos incógnitos, quis saber como tinha sido sua história, sua descoberta, e as peripécias da colonização. Provavelmente foi nessa ocasião, quando eu realizava minhas primeiras pesquisas na biblioteca do Museu do Homem, que encontrei uma referência a Léry e me pus a lê-lo.

— Como compreender a fórmula que o sr. utilizou ainda em *Tristes Trópicos*: 'Jean de Léry, brevíssimo do etnólogo'?

Lévi-Strauss — O que se pede ao etnólogo que parte para o campo? Que nos mostre vivos os seres e perceptíveis as coisas que estão situadas a milhares de quilômetros. Que ele diga, como numa fábula: "Eu estive em tal lugar, e tal coisa me aconteceu. Vocês pensariam estar vocês próprios ali." Pois



Lévi-Strauss: "Através do seu texto, descobrimos a costa do Brasil: fauna, flora, indígenas, não falta nada. É como se estivéssemos ali."



Criança nambiquara: tribo foi objeto de estudo nos anos 30



O caboclo, um dos personagens retratados pelo antropólogo

bem, com Léry é ainda mais extraordinário. Não somente o que ele descreve se situa a 10 mil quilômetros da França, como o depoimento data de 400 anos. Quatro séculos! Você pode imaginar? É como uma feitiçaria. De repente, Léry faz reviver no presente, e diante de nossos olhos, um formidável espetáculo. Através de seu texto, nós descobrimos a costa do Brasil, a baía da França Antártica, que é hoje a do Rio de Janeiro: fauna, flora, indígenas, não falta nada. É como se estivéssemos ali. E o que

encanta imediatamente, e seduz, em comparação com obras de um André Thévét, por exemplo, é a frescura do olhar de Léry. O sr. não ficou intrigado com os segredos de fabricação da 'Viagem à Terra do Brasil'?

Lévi-Strauss — É um texto que coloca, de fato, vários problemas, e que sempre me colocou ao longo da minha vida. Tanto o livro quanto Léry. O que eu vou dizer para você poderá parecer presunçoso e, me desculpe, mas tenho a impressão de que há uma convivência, um

paralelismo, entre a existência de Léry e a minha. Eu o senti desde o início, e essa impressão só se ampliou ao longo dos anos.

Léry partiu para o Brasil aos 22 ou 23 anos; eu tinha 26 quando iniciei a mesma viagem. Léry esperou 18 anos antes de redigir sua *Viagem*; eu esperei 15 antes de escrever *Tristes Trópicos*. No intervalo, durante esses 18 anos para Léry, e 15 para mim, o que aconteceu? Para Léry, as guerras de religião, as desordens de Lyon, de Charité-sur-Loire, o cerco de San-

cerre — que ele viveu, e sobre o qual escreveu um livro. Para mim, foi a Segunda Guerra Mundial e também a fuga de perseguições.

Veja o que ocorreu um pouco mais tarde. Léry terminou sua vida como pastor em Vufflens, no cantão de Vaud. Mas Vufflens é o castelo da família Saussure, e sem dúvida você sabe o papel que desempenhou Ferdinand de Saussure no século 20, e a influência considerável que ele exerceu sobre mim. Sem contar que em seguida eu estive ligado a Raymond de Saussure

re, seu filho. Finalmente, quando há 30 anos minha mulher e eu procurávamos uma casa de campo, visitamos dezenas delas em toda a França, para afinal escolhermos uma ao norte da Borgonha. Na época, não me ocorreu que ela estava próxima a Lamargelle, terra natal de Léry, onde aliás existe uma aldeia que leva seu nome. Eu o deixo imaginar o que os surrealistas poderiam deduzir de todas essas coincidências. De minha parte, senti desenvolver-se uma intimidade com Léry.

E o que dizer sobre o modo como foi construído 'Viagem à Terra do Brasil'?

Lévi-Strauss — Que ele não poderia ser mais moderno. Construído como uma monografia de um etnólogo contemporâneo: o meio a vida material, o preparo dos alimentos, casamentos, relações de família, os credos religiosos.

O que, na história de Léry, em seu passado, sua formação, o preparou para inventar essa metodologia?

Lévi-Strauss — Certamente nada na sua formação. Ele era sapateiro quando fez sua viagem. Tornou-se pastor em seguida. Não vejo o que poderia tê-lo preparado. A meu ver, no entanto, dois elementos interferiram. Primeiro, ele fez uma espécie de revelação do campo. Ele soube se maravilhar com coisas inéditas. Precisamos, no entanto, que na época em que ele desembarcou no Brasil, março de 1557, a região já vinha sendo freqüentada intermitentemente, havia uns 50 anos, por europeus, que ali se enraizaram, prontos para servir de intérpretes. Assim, através de depoimentos repetidos, onde subsistem pontos essenciais e verdades comuns, constituiu-se pouco a pouco uma versão popular sobre o Brasil. Thévét é um exemplo típico disso: o texto que ele publicou está cheio de informações, apesar de ele só ter passado dez semanas no Brasil. Isso não teria sido possível sem a ajuda de intermediários.

— Esse é o primeiro elemento.
— Sim. O segundo é o olhar de Léry: nada do que ele ouviu ou do que lhe contaram estragou seu olhar, se é que se pode dizer assim. É extraordinário. Ele conservou intacta sua capacidade de ver e imagino, utilizou-a para compará-la com o que diziam raros intérpretes, que sabiam muitas coisas, mas nem sempre se preocupavam com a veracidade.

— Além das coincidências com a vida de Léry que o sr. mencionou, no que mais consiste sua ligação com ele? É o prazer do texto?

— É o sentimento de que durante minhas viagens entre os índios, encontrei não só coisas, mas também um clima, uma forma de contato que já existia há vários séculos. Tudo está nessa emoção. A leitura de Léry ajuda a me deslocar do meu século, a retomar contato com o que eu chamaria de "super-realidade" — que não é a mesma de que falam os surrealistas: uma realidade ainda mais real do que aquela da qual fui testemunha. Jean de Léry viu coisas que não têm preço, porque era a primeira vez que elas eram vistas e isso foi há 400 anos.

— Que conselhos o sr. daria para ler Léry? Deve-se abordar seu texto como um documento de etnologia ou como literatura?

— O livro é um encantamento. É literatura. Deixemos a etnologia para os etnólogos, e que o público leia a *Viagem à Terra do Brasil* como uma grande obra literária. Eu acrescentaria ainda uma questão, porque a idéia me persegue há muitos anos, e já a sugeri em *Tristes Trópicos*: como pode ser que ninguém tenha pensado até hoje em fazer o grande filme que mereceria a aventura de Villegagnon, tal como foi contada por Léry? É uma história apaixonante, com todos os ingredientes de uma epopéia: peripécias dramáticas, paisagens grandiosas, personagens fascinantes. Está tudo ali.

— O sr. escreveria o roteiro?
— Não sozinho.
— Mas colaboraria?
— Com alegria, se me pedirem.

Tradução de Maisa Lacerda Nazario

Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil, de Jean de Léry, texto estabelecido, apresentado e anotado por Frank Lessing, precedido por uma entrevista inédita com Claude Lévi-Strauss, *Le Livre de Poche*, 674 páginas, 65 francos. *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry, tradução de Sérgio Milliet, Editora Itatiaia, 303 páginas, R\$ 16,12

PERSONALIDADE

Claude Lévi-Strauss



Tribo indígena brasileira: cenas familiares, nudez soberba, mas na visão de Lévi-Strauss, já em 1936 esses povos, aparentemente tão próximos da felicidade, eram ameaçados e os trópicos já eram tristes

Fotos iluminam uma noite de meio século

Claude Lévi-Strauss abre seu arquivo de fotografias feitas entre 1935 e 1938 no Brasil e mostra imagens que soam como um adeus cheio de tristeza dos tempos felizes, do tempo desfeito

GILLES LAPOUGE

Claude Lévi-Strauss tirou três mil fotos do Brasil, entre 1935 e 1938. Hoje, 60 anos depois, o velho e ilustre antropólogo abriu seu arquivo de fotos. Bororos, nhambiquaras, becos de São Paulo, rios do Pantanal ou da Amazônia remontam até nós, como a tremor, através de uma noite de mais de meio século. Lévi-Strauss selecionou, desse tesouro, 180 fotografias. E reconstituiu, graças a esses marcos, as expedições que o jovem professor da Universidade de São Paulo fazia para sondar os mistérios do Brasil indígena antes da Guerra.

Essas fotos são belas porque jamais buscam ser belas. Fotos de trabalho. Fotos que Lévi-Strauss deixou esquecidas durante muito tempo, um pouco como um pintor que, depois de terminar seu quadro, apaga os projetos e esboços do mesmo. Pode-se ao menos esperar que essas velhas fotos tragam uma espécie de iluminação sobre o tempo que passou e que elas facilitem a "ressurreição" provisória de um momento que existiu e que não existirá mais? "Não o creio", diz sem dificuldade Lévi-Strauss, cujo prefácio busca, com certa dose de masoquismo, desaconselhar-nos a abrir este álbum. "Meus clichês — afirma ele — não são uma parte, preservada fisicamente e como que por milagre, de experiências em que todos os sentidos, os músculos, o cérebro, se encontravam engajados: são apenas os indícios de tais experiências. Indícios de seres, de paisagens e de fatos que ainda tenho a consciência de ter visto e conhecido. Mas, depois de tanto tempo, já não me lembro mais exatamente delas e de quando as fiz." E Lévi-Strauss conclui violentamente: "Estas fotografias me deixam a impressão de um vazio, de uma falta daquilo que a objetiva é incapaz de captar." (Convém lembrar que o magnífico livro de viagens, *Tristes Trópicos*, começa com a célebre exclamação: "Eu odeio as viagens!" Hoje, o álbum de fotos poderia abrir com as palavras: "Eu odeio os álbuns de fotos!"

...Mas, então, se a foto é imprópria para retornar no tempo, existem outras vias capazes de nos conduzir até o tesouro perdido? Sim, certamente, esses caminhos existem e Lévi-Strauss os aponta sem dificuldade: são os odores. Para ele, o ver-

ÍNDIOS SÃO FRAGMENTOS DE ESTRATOS REGRESSIVOS DE ANTIGAS E NOBRES CIVILIZAÇÕES

deiro caminho do Brasil de 1935 é feito do cheiro de creosoto, que então impregnava suas cantinas. O creosoto (um pouco como a madeleine de Marcel Proust, mas menos presente), transporta de repente o Lévi-Strauss de 1994 para aquele Lévi-Strauss de 1936.

Essas considerações sobre o olho e a memória, sobre o nariz e a memória, embora sejam apenas uma introdução para o texto escrito por

Lévi-Strauss a propósito destas velhas fotos, não são um simples exercício literário ou intelectual. Elas efetivamente estão estreitamente ligadas com a própria arte praticada por Lévi-Strauss, esse antropólogo que não tem outro objetivo senão o de reter, às margens da morte, às margens do nada ou do desaparecimento, sociedades

esgotadas, que estão a caminho de desaparecer da face da Terra. Essas sociedades são as que Lévi-Strauss reconhece e ama nas suas expedições antes da guerra: nhambiquaras, bororos, cadiveus, tupis-caraiabas... E, certamente, desde o ano de 1936, elas estavam em estado de fraqueza extrema. Mas, desde então, nesse meio século, seu enfraquecimento, suas doenças se agravaram imensamente e Lévi-Strauss sente o coração apertado ao contemplar, nestas fotos, essas sociedades às margens da destruição a que estavam condenadas.

Isso nos vale um quadro breve e vasto do percurso dessas culturas. Há 30 anos, de fato, Lévi-Strauss pôde, graças a estudos como os de Anne Roosevelt, ver confirmado aquilo que intuiu desde seus primeiros contatos com os índios do Brasil: esses índios, bem longe de serem os primitivos, são os "fragmentos" de estratos "regressivos" de antigas e nobres civilizações.

A ilha de Marajó, na foz do Amazonas, é repleta de preciosos testemunhos. Ali encontramos peças antigas, anteriores de vários milênios às que foram encontradas no Peru ou no Equador, isto é, em lugares onde se acreditava que haviam surgido grandes civilizações americanas. "O Amazonas — diz Lévi-Strauss — é talvez o berço de onde saíram as civilizações andinas."

As descobertas de Anne Roosevelt, Lévi-Strauss acrescenta outros indícios dessa anterioridade das culturas amazônicas. Inicialmente, os textos dos primeiros colonizadores, por exemplo, o que foi escrito



Avenida São João, em São Paulo: de cidade provinciana em 1936 à enorme metrópole industrial

por um espanhol, em 1541, que, depois de navegar três mil quilômetros descendo o rio, encontrou cidades com centenas de casas brancas, cidades muito populosas e protegidas por fortalezas.

Durante muito tempo, narrações como essas foram consideradas elucubrações de conquistadores jactanciosos ou embriagados. Mas Lévi-Strauss sempre lhes deu crédito. Por quê? Porque as organizações sociais destes vestígios, que são os bororos ou os nhambiquaras de hoje, são tão elaboradas, tão sofisticadas, que não se pode imaginar que tenham podido ser forjadas por simples grupinhos de caçadores primitivos das florestas. Assim se justifica a convicção de Lévi-Strauss: existe continuidade entre as culturas andinas e as das Terras Baixas tropicais.

Culturas regressivas, portanto, a destas magras aldeias de índios do Mato Grosso e da Amazônia — o que se explica pelo "cataclismo" que foi para esses povos a chegada dos europeus, com suas sucessivas ondas de mortandade: os bandeirantes, as companhias exploradoras da

borracha, a ação mais recente dos comerciantes de produtos e hoje os garimpeiros e catadores de ouro.

Ora, essas culturas, já precárias em 1935, deram, nesses 60 anos, grandes passos para sua própria dissolução. Lévi-Strauss cita o exemplo terrível dos bororos, que eram robustos e saudáveis em 1935 e que hoje perderam até mesmo sua própria língua. O etnólogo conta, com uma espécie de aflição profunda, que hoje é nas escolas dos missionários que os bororos aprendem seus próprios mitos (estranho ziguezague, diz: os missionários, outrora os destruidores da cultura indígena, se transformaram em seus conservadores).

Mas hoje os missionários, ao terminarem suas aulas, fecham em seus armários os cocares de plumas dos bororos por temerem que os índios os estraguem. Precaução melancólica, apesar de compreensível, pois araras e periquitos, de plumas

coloridas, tendem também a desaparecer da floresta como os bororos.

Assim, através da antiga e da recente sorte dos povos indígenas do Brasil, encontramos o fio do começo da meditação lévi-straussiana sobre a fotografia e sua impotência para restituir o tempo que expirou, o tempo que passou. E isso por dois motivos: primeiramente, a foto por si mesma não é um apoio tão bom da ressurreição sensível, como a memória e os odores. E, em segundo lugar, essas sociedades, fotografadas outrora, foram pouco a pouco murchando, decaindo, obscurecendo-se e apagando-se desde 1936.

Pode-se compreender agora por que essas fotos, que se recusam obstinadamente a falar ao próprio Lévi-Strauss, nos falam com uma voz tão insistente e comovente. É porque, na grande aventura intelectual de Lévi-Strauss, conhecemos os resultados (as estruturas elementares

da cultura original, os pensamentos selvagens, o labirinto das mitologias indígenas, etc.), mas não vimos já, mais os sustentáculos reais, isto é, os homens e suas mulheres, aqueles exatamente que Lévi-Strauss captou com sua Leica de 1936 ou 1937. De repente, a formidável construção cerebral que Claude Lévi-Strauss ergueu em meio século de ciência se põe a palpitar sob os nossos olhos, graças a essas fotos que o autor está quase para desprezar, mas que dão carne e vida à fascinante teoria lévi-straussiana.

Diga-se também que o fotógrafo Lévi-Strauss, se não foi jamais um amoroso, tem a virtude da ingenuidade e também um olhar preciso, sutil e de uma maravilhosa sensibilidade. Há, por exemplo, entre os nhambiquaras, toda uma série de cenas familiares, moças e milhares jovens com seus filhos, casais com filhos, numa nudez soberba, ingenuamente graciosa, que nos pareceriam "reflexos da Idade de Ouro", se Lévi-Strauss, pessimista inveterado, não nos lembrasse que, mesmo em 1936, esses povos, aparentemente tão próximos da felicidade, eram povos ameaçados e que os trópicos já eram tristes.

Grandiosa reflexão, contida em apenas algumas páginas, escritas com vivacidade e elegância, e que Lévi-Strauss, como gosta às vezes de fazer, ampliou repentinamente, além de alguns farrapos de cultura indígena, cuja vida ele fotografou, como se fotografam os traços de um suplício em um sudário, para ampliá-la à dimensão do universo.

De fato, para Lévi-Strauss, as forças nefastas que destroem os índios, estão também em ação nas sociedades ocidentais (cidades delirantes, ar e água para sempre poluídos, etc.). Os europeus, que destruíram e massacraram tantas sociedades longínquas, se destroem agora a si próprios. "Nós estamos prestes a fazer a nós mesmos o que fizemos outrora (aos outros)"...

Segue uma bela passagem sobre a cidade de São Paulo, ainda semi-provinciana em 1936 e convertida, depois de 60 anos numa enorme metrópole industrial. Lévi-Strauss, normalmente tão reservado, tão pouco inclinado a falar de si próprio, nos comunica então as lembranças de sua casa na rua Cincinatti Braga, com suas palmeiras, suas duas ou três bananeiras, o macaquinho que havia trazido de uma das expedições. Estranha impressão: dir-se-ia que o Lévi-Strauss de 1994 fala do Lévi-Strauss de 1936 como fala de bororos ou de cadiveus.

Nesse sentido, não é em referência a algumas de suas lembranças privadas nem mesmo às fotos da velha São Paulo que o álbum tem como título *Saudades do Brasil*. Esse título se refere antes aos índios, de sorte que este álbum, nimbado com um brilho fúnebre, soa como um adeus, cheio de tristeza dos tempos felizes, do tempo desfeito.

Claude Lévi-Strauss